

**Anais do 6º Interprogramas de Mestrado
da Faculdade Cásper Líbero
(São Paulo, SP, 5 e 6 de novembro de 2010)
ISSN: 2176-4476**

Texto original como enviado pelo/a autor/a

**MOVIMENTOS SOCIAIS NA REDE: GARANTIA DE COMUNICAÇÃO
ALTERNATIVA?**

Zoraia Nunes Dutra Ferreira¹

Resumo

O artigo propõe-se a discutir a comunicação gestada pelos movimentos sociais populares na Internet, procurando compreender se esta pode ser considerada como comunicação alternativa ou se é apenas uma reprodução da comunicação produzida pela grande mídia. Temos como objeto de estudo o *site* do bairro Ellery (www.bairroellery.com.br), localizado a periferia de Fortaleza e ancoramo-nos, principalmente, nas discussões teóricas de Manuel Castells, Cícilia Peruzzo, Raquel Paiva, Máximo Grinberg e Dênis de Moraes. O estudo baseia-se em pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo de caráter qualitativo e análise de conteúdo do *site*.

Palavras-chave: Internet; Movimentos Sociais Populares; Comunicação Alternativa; Mídia; Comunicação.

¹ Universidade Federal do Ceará (UFC). Programa de Pós Graduação em Comunicação (PPGCOM). Bolsista CAPES – REUNI. E-mail: zoraia.bk@gmail.com

Introdução

O presente artigo faz parte da pesquisa que agora realizamos no mestrado em comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC) e que tem como objeto o *site* do bairro Ellery, localizado na periferia de Fortaleza. Insere-se no campo de estudos voltado para a análise da comunicação gestada pelos movimentos sociais populares – comunicação popular alternativa - cujo momento de maior efervescência se deu durante as décadas de 1970 a 1990.

Com as alterações no contexto histórico, o surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) e com as mudanças ocorridas no cerne dos próprios movimentos, essa comunicação também se altera. Perguntamo-nos, então, se é possível continuar a considerar alternativa a comunicação atualmente produzida pelos movimentos sociais populares ou se esta passou a constituir-se apenas em uma reprodução dos padrões da grande mídia.

No primeiro item nos dedicaremos à abordagem das possibilidades e desafios que a Internet traz à comunicação, tendo como base as discussões teóricas de Pierre Lévy (1999), Manuel Castells (1999, 2009) e Dominique Wolton (2006, 2007).

A apropriação das mídias digitais pelos movimentos sociais populares é discutida no segundo item, a partir da idéia de que tal fenômeno faz parte do processo de luta pela democratização da comunicação e que esta não se refere apenas à questão do acesso, mas também à produção de conteúdos.

O terceiro item traz um pouco da história e das trajetórias da comunicação alternativa, a partir de Cicília Peruzzo (1998, 2009) e Raquel Paiva (2003) no intuito de perceber e entender a influência das mudanças do contexto histórico na produção desta comunicação. Por fim faremos uma análise de conteúdo do *site* do bairro Ellery, norteados pela idéia de compreender se a comunicação gestada pelos movimentos sociais populares pode, ainda, ser considerada como comunicação alternativa.

1. Internet: entre possibilidades e reticências

Podemos pensar a vida, conforme sugere Castells (1999), como uma trajetória ao longo da qual temos uma série de situações estáveis, pontuadas em intervalos raros por eventos importantes que ocorrem com muita rapidez e ajudam a estabelecer a próxima era estável. O

surgimento das tecnologias da informação e da comunicação (TICs) pode, sem dúvida, ser considerado um desses momentos historicamente importantes. “Pela primeira vez a mente humana é uma força direta de produção, não apenas um elemento decisivo no sistema produtivo” (CASTELLS, 1999, p. 69). No âmbito das TICs, nossa discussão se voltará para a Internet, “espinha dorsal da comunicação global mediada por computadores” (CASTELLS, 1999, p. 421).

Lévy (1999) é otimista quando o assunto é Internet e esse otimismo, segundo ele, se funda no fato de ser este um novo espaço de comunicação que explora potencialidades mais positivas e no crescimento do ciberespaço, fruto do desejo de experimentar coletivamente formas de comunicação diferentes daquelas que as mídias clássicas propõem. “Por meio dos computadores e das redes, as pessoas mais diversas podem entrar em contato, dar as mãos ao redor do mundo” (LÉVY, 1999, p. 119).

A idéia é a de que a Internet permite uma expansão sem limites da comunicação, entretanto, tal expansão contribui para sedimentar uma visão tecnicista, que percebe apenas os meios e relega a segundo plano a dimensão humana e social. “A comunicação está reduzida às técnicas, e as técnicas tornam-se o sentido, a ponto de se chamar a sociedade do futuro de sociedade de informação ou de comunicação, pelo nome da técnica dominante” (WOLTON, 2007, p. 33). Para Sfez (2000, p. 20) “não se fala tanto de comunicação quanto numa sociedade que não sabe mais comunicar-se consigo mesma, cuja coesão é contestada, cujos valores se desagregam, uma sociedade que símbolos demasiado usados não conseguem mais unificar”. A técnica seria, na verdade, um “agente de fragmentação” e mesmo de “diluição de laços simbólicos”. (SFEZ, 2000, p. 21).

Concordamos com a prevalência de uma visão centrada na técnica, que pouco considera os processos através dos quais a comunicação é forjada. Em sociedades “cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a rede e o ser” (CASTELLS, 1999, p. 41), é preciso não esquecer que “na ponta das redes e dos satélites há homens e sociedades, culturas e civilizações” (WOLTON, 2006, p. 12). Perguntamo-nos, então, se algo muda quando os homens na ponta dos satélites são sujeitos que se dedicam a lutas por direitos coletivos, inclusive pelo direito à comunicação. A comunicação gestada pelos setores populares segue essa mesma linha ou apresenta alguma diferença no sentido de privilegiar a dimensão humana da comunicação?

Outra crítica recorrente à Internet é a da mercantilização. Na análise de Wolton (2007, p. 102) a rede tem “como chamariz, na vitrine, a função de comunicação para propor, na realidade, um sistema de informação comercial”. Não se pode, entretanto, pensar que a Internet foi criada como projeto de lucro empresarial. Castells (2009, p. 258) lembra que quando o Pentágono tentou pela primeira vez, no ano de 1972, privatizar a Arpanet, antepassada da Internet, ela foi oferecida, de graça, à AT&T² e mesmo assim a empresa considerou que não seria rentável. Na mesma época o presidente da IBM declarou que no ano 2000 haveria apenas cinco computadores no mundo. Logo, “não foi a empresa a fonte da Internet”.

Hoje o cenário é outro. Parece que “todos os negócios tradicionais transformaram-se em ‘www ponto com’” (PAIVA, 2004, p. 68), todavia há espaço, ainda, para outras representações. “[...] o paradigma da tecnologia da informação não evolui para o seu fechamento como um sistema, mas rumo à abertura, como uma rede de acessos múltiplos” (CASTELLS, 1999, p.113). A presença de movimentos sociais populares na rede é um exemplo de que o sistema não está fechado e que o ciberespaço pode ser plural, embora ainda haja muito a fazer “para universalizar as conexões e os usos sociais da WEB. É urgente mobilizar a sociedade civil mundial para a necessidade de se estabelecerem políticas públicas que contenham a onda de mercantilização desenfreada que atinge a Internet”. (MORAES, 2002, p. 11).

2. Movimentos Sociais Populares: no balanço da rede

Durante o seu processo de constituição, os movimentos sociais populares descobriram que havia a necessidade de “apropriação pública de técnicas (de produção jornalística, radiofônica, estratégias de relacionamento público etc) e de tecnologias de comunicação (instrumentos para transmissão e recepção de conteúdos etc) para poderem se fortalecer e realizar os objetivos propostos”. (PERUZZO, 2004, p. 1). A percepção da Internet como ferramenta para o ativismo social se deu no ano de 1999 quando a organização francesa *Association pour la Taxation des Transactions pour l'Aide aux Citoyens* (ATTAC) promoveu, em Paris, um encontro internacional para debater alternativas de atuação para movimentos sociais em escala mundial (MORAES, 2002, p. 3). De lá para cá a participação dos movimentos na rede se tornou uma realidade.

² Abreviação em Inglês para *American Telephone and Telegraph*. Companhia americana de telecomunicações.

O ciberespaço veio dinamizar esforços de intervenção de movimentos sociais e organizações não-governamentais (ONGs) na cena pública. - As entidades civis valem-se da Internet enquanto canal público de comunicação, livre de regulamentações e controles externos, para disseminar informações e análises que contribuam para o fortalecimento da cidadania e para o questionamento de hegemonias constituídas. (MORAES, 2002, p. 8).

Sem deixar de considerar o problema da exclusão digital, em grande parte ligada à exclusão social, entendemos que a Internet tem permitido experiências de produção e difusão informativa de conteúdos e que, a partir dela, “entra em parafuso a concepção de reservar a exposição pública a nomes sacramentados pelo mercado, pela mídia ou pelas instâncias acadêmicas” (MORAES, 2002, p. 4).

Castells (1999) considera, entretanto, que apesar do uso das TICs pelos movimentos sociais, sua influência no domínio cultural pode, com facilidade, ser a de reforçar o cosmopolitismo das novas classes profissionais e empresariais e a coesão social da elite cosmopolita, apoiando uma cultura global. Tal preocupação se coaduna com nosso interesse em compreender que tipo de comunicação está sendo produzida pelos movimentos a partir do uso das mídias digitais: se apenas uma reprodução de padrões, o que reforçaria o *status quo* ou se, realmente, uma comunicação alternativa.

O bairro Ellery, lócus de nossa pesquisa, fez seu *début* na rede no ano de 2006 com a criação de um *site* (www.bairroellery.com.br). A trajetória do bairro em torno de experiências comunicativas teve seu início na década de 1980. Já produziram jornal comunitário, sistema de radiadoras e rádio comunitária. Dificuldades econômicas e medidas políticas arbitrárias, como a “caça” às chamadas “rádios-pirata” pela ANATEL, impediram a continuidade dessas experiências. As mídias digitais surgem, então, como uma possibilidade de quebrar o silêncio e de colocar em prática o direito à comunicação.

3. Comunicação Alternativa: história e trajetórias

Falar sobre comunicação alternativa parece ter algo de velho ou fora de moda. Assim podem pensar os que a vêem apenas como parte de um período histórico esquecendo a

idéia de movimento, de transformação. Entendemos ser esta uma discussão que permanece importante diante de desafios como a forte tônica individualista e as crescentes desigualdades sociais.

O surgimento, do que se convencionou chamar de comunicação popular alternativa, se deu na década de 1970. Grinberg (1987, p. 30) explica que “[...] é alternativo todo meio que, num contexto caracterizado pela existência de setores privilegiados que detém o poder político, econômico e cultural (...) implica uma opção frente ao discurso dominante”.

Vivencia-se no Brasil e na América Latina a ditadura militar. A repressão foi a marca desses “anos de chumbo”. A comunicação alternativa apresenta-se como o instrumento político, com conteúdo crítico, emancipador e reivindicatório; “como um antídoto frente ao monopólio da palavra por parte dos que usufruem também do poder político e econômico” (GRINBERG, 1987, p. 18). É dirigida a pequenos grupos e centrada em aspectos combativos dos movimentos sociais populares. “[...] uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista” (KAPLÛN, 1985, p. 7 *apud* PERUZZO 2006, p.3).

Grinberg (1987, p. 50) considera que a oferta de informação pelos meios de comunicação de massa “não correspondeu às necessidades de comunicação da população e a insatisfação levou grupos populares a criar meios alternativos para mobilizar-se e para expressar seus interesses”. Voltamos aqui à discussão de que a tecnologia, não necessariamente, contribui para a melhoria da comunicação, quer seja pelo fato de negligenciar a dimensão humana ou pela não democratização da produção de conteúdos.

Consideramos que a comunicação gestada pelos movimentos sociais populares está de uma forma geral, mais voltada para a dimensão humana. Os objetivos que a movem - conscientização, educação, luta por melhoria das condições de vida, por direitos coletivos, entre outros - já denota isso. Não pretendemos adotar uma visão romântica. Sabemos que esta comunicação não está livre de problemas e antagonismos, até por que “as contradições são inerentes às sociedades e o espaço comunitário apenas reflete a realidade mais ampla” (PERUZZO, 2004, p. 3).

A comunicação popular não é uma ilha isolada. Relaciona-se com a sociedade, interpõe-se nas relações sociais e vai assumindo feições diferenciadas de acordo com o momento histórico. Em um ambiente democrático, com mais liberdade de organização e expressão “alterou-se

também o processo de ação e de concepção da comunicação no contexto dos movimentos populares proporcionando o surgimento de formas mais plurais, avançadas e ágeis de comunicação” (PERUZZO, 2006, p. 4-5).

A partir da década de 1990 os movimentos, e conseqüentemente as experiências comunicativas, assumem uma postura mais flexível. Cultura, lazer e preservação ambiental tornam-se objetivos de luta. Exemplo disso ocorreu em 2007, quando parte da comunidade do bairro Ellery, juntamente com ambientalistas e estudantes universitários, se mobilizaram em prol da preservação da única área verde do bairro, ameaçada por um projeto da Prefeitura de Fortaleza que pretendia construir um ginásio poliesportivo no espaço.

O *site* tornou-se a grande vitrine desta luta ambiental. Garantiu visibilidade e pressão ao poder público, o que mostra que, além da comunicação alternativa não ser mais dirigida, apenas, a pequenos grupos, também reflete os novos interesses dos movimentos.

O caráter mais combativo das comunicações populares – no sentido político-ideológico, de contestação e projeto de sociedade – foi cedendo espaço a discursos e experiências mais realistas e plurais (no nível do tratamento da informação, abertura à negociação) e incorporando o lúdico, a cultura e o divertimento com mais desenvoltura, o que não significa dizer que a combatividade tenha desaparecido (PERUZZO, 2006, p. 6).

Com as mudanças no curso da história, a “fisionomia” dos movimentos sociais populares também mudou. As palavras de ordem bradadas nas ruas foram trocadas pela articulação e em vez de oposição, há muito mais interação. A apropriação da TICs é parte desse quadro de mudanças. O Estado não é mais o grande inimigo. Com ele agora é preciso negociar e a comunicação passa a ser usada, também, para esse fim. Até o termo alternativo parece gasto. Quando citado, logo surge pergunta: alternativo a quê? No entanto, insistimos em seu uso exatamente pelo fato deste suscitar discussões, debates, dúvidas e incômodos. Vejamos, então, como se dá essa comunicação no ciberespaço.

4. Comunicação alternativa na alternativa da rede?

Como dissemos anteriormente, o *site* é para o bairro Ellery uma alternativa encontrada para continuar a fazer parte da esfera midiática alternativa e quebrar o silêncio que se estabeleceu

após o fechamento da rádio comunitária Mandacarú FM. Mesmo com o passar do tempo, é possível perceber que os antídotos contra o monopólio da palavra, dos quais fala Grinberg (1987), ainda são necessários.

A produção do *site* está, em grande parte, a cargo de Aguinaldo Aguiar, comunicador popular e membro do movimento social organizado do bairro. Há a colaboração, embora que de forma descontínua, de Wesley Costa, estudante e organizador do grupo de teatro Sagrada Família, formado por crianças e adolescentes.

Atualmente o *site* conta com quatro colunistas: a advogada e psicanalista Rossana Brasil, o professor e pesquisador social Rafael Santos, o estudante de Ciências Sociais Luís Henrique Abraão e o escritor e poeta Tobias Marques Sampaio. Destes, apenas Luís Henrique mora no bairro, porém não tem ligação com o movimento social e nem com a história de lutas sociais do bairro.

A participação da comunidade - historicamente uma das mais fortes características da comunicação alternativa – é, hoje, uma das grandes dificuldades. Aguinaldo Aguiar acredita que,

Quando o desafio é fazer texto, então, o patamar de dificuldade é outro. As pessoas simplesmente ficam apavoradas. O *site* está muito ligado a questão da produção jornalística...a rádio comunitária não tinha tanto isso. O esforço pra montar uma equipe tem sido desumano. Já fizemos várias tentativas junto à militância...as pessoas acham chato...as pessoas não aparecem...é um trabalho que leva tempo, você tem que ter uma dedicação grande e sem essa produção jornalística o *site* não vive. É um desafio que vem se aprofundando...é difícil você agregar pessoas dos movimentos, pessoas que estão no dia a dia do bairro...as pessoas morrem de medo. (Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2010).

Não há dúvidas de que “é uma conquista a ser alcançada o envolvimento de todo o grupo social, mesmo que existam na comunidade pessoas exclusivamente responsáveis pela montagem do veículo”. (PAIVA, 2003, p.140) e que se não for assim, qualquer veículo popular corre o risco de em algum instante “verticalizar o seu discurso – ou seja, não se pautar mais por uma produção em que os sujeitos estejam todos na mesma linha de produção, passando a haver o domínio de um grupo técnico mais preparado sobre a elaboração do discurso” (PAIVA, 2003, p. 156), porém acreditamos ser importante também pensar que “[...] a participação na comunicação popular não diz respeito unicamente à produção de meios. Ela perpassa as relações interpessoais e grupais e ali ajuda a construir a base de nova cultura política” (PERUZZO, 1998, p.127).

Prevalece no *site* a produção de notícias voltadas para o cotidiano do bairro e cujos protagonistas são os próprios moradores. Eis alguns exemplos: o ritual de sorte para a seleção brasileira de futebol realizado, durante todos os jogos da copa do mundo, pelo seu José Ivo da Costa, morador do bairro há mais de 50 anos; a festa junina realizada em uma escola pública; a oficina de mosaicos que aconteceu no bairro; denúncia de paralisação nas obras de um conjunto habitacional que está sendo construído em área de risco, entre outras³. Assuntos assim dificilmente teriam espaço na mídia comercial por serem ordinários. Dessa forma, continua viva a insatisfação com relação à oferta de informação produzida pelos meios, que deu surgimento à comunicação alternativa.

Assim como a comunicação alternativa, a mídia comercial também sofreu alterações tornando tênues as fronteiras entre o alternativo e o massivo. Programas populares ganharam espaço e assuntos, que antes eram restritos aos canais alternativos, tornaram-se pauta da mídia de massa. Os movimentos, antes vistos como o grande “outro”, passaram a fazer parte dessa dinâmica “tanto de forma autônoma (dando depoimentos e contando histórias de projetos sociais bem sucedidos), como grupal, quando as propostas (...) passam a sensibilizar a programação da mídia, embora nem sempre de forma favorável aos mesmos” (PERUZZO, 2006, p. 6). Esse maior espaço para as lutas sociais é, além de uma visão do jornalismo cívico ou politicamente correto, também uma conquista dos movimentos. Vale salientar que, ao cobrir temas alternativos, a grande mídia não visa mudanças no *status quo*. A intenção não é a transformação social, o que difere das notícias produzidas pelas mídias alternativas.

A linguagem utilizada no *site* do bairro Ellery não traz grandes diferenças com relação à de um jornal comercial ou grande portal. Há uma reprodução do padrão do texto jornalístico. Isso não impede, todavia, que o *site* desempenhe duas funções, consideradas por Grinberg (1987, p. 48), como essenciais para os movimentos sociais populares: apoio e potencialização. Aguinaldo Aguiar considera que os eventos e mobilizações que ocorrem no bairro ganham mais valor para a comunidade quando são notícia no *site* e que isso incentiva a participação (Aguinaldo Aguiar, entrevista, 2010). Como dissemos, o *site* tem se mostrado eficaz no sentido de dar maior visibilidade às lutas locais e com isso pressionar o poder público e atrair a atenção de pessoas que não moram no bairro.

³ Notícias em destaque no *site* em 12/07/2010.

Considerações Finais

Pensar, discutir e produzir uma comunicação que privilegie a dimensão humana e se torne uma ferramenta de apoio e potencialização das lutas por direitos coletivos e cidadania, continua a ser uma necessidade e nos parece que urgente diante dos (des)caminhos da sociedade contemporânea.

Não há dúvidas de que as mudanças no contexto histórico provocaram alterações na construção desta “outra comunicação”. A democracia foi reconquistada, o Estado já não é mais o grande inimigo e a palavra de ordem passou a ser negociação. Os direitos ao lazer, à cultura, ao verde passaram a ser bandeiras de luta. Os conteúdos e a linguagem também se alteraram como resultado da alteração na própria “fisionomia” dos movimentos sociais. O público já não se resume mais a pequenos grupos. Com a apropriação das TICs não há fronteiras para a disseminação de informações.

Os limites entre a comunicação alternativa e a comunicação massiva estão cada vez mais tênues. Programas populares proliferam rapidamente e a pauta dos meios de massa passou a incluir reivindicações sociais. Por outro lado, as mídias alternativas, muitas vezes, reproduzem a linguagem jornalística e pouco usam a criatividade, que as caracterizou em momentos anteriores. A dificuldade em garantir a participação da comunidade é um agravante e leva à verticalização do discurso.

Vale salientar que, embora garanta espaço para os problemas sociais, a mídia de massa não discute suas causas, ao contrário do que ocorre nas mídias alternativas; fato que continua a referendá-las como alternativas. Já a reprodução da linguagem dos meios comerciais, pelos meios alternativos, acaba por fortalecer os padrões hegemônicos de comunicação e conseqüentemente uma cultura global, embora a lógica de produção não seja reproduzida.

O cuidado em produzir conteúdos locais faz com a que o *site* do bairro Ellery estabeleça uma relação com a comunidade, mantenha o caráter político - características dos canais alternativos – e crie uma identidade.

Chegamos à idéia de que a comunicação gestada pelos movimentos sociais populares permanece, em muitos aspectos, alternativa até pela continuidade do cenário de monopólio político, cultural e econômico no Brasil. O próprio uso que os movimentos têm feito da rede já

pode ser considerado alternativo. Consideramos ainda que essa comunicação coloca-se também como alternativa a uma visão tecnicista que põe em segundo plano a dimensão humana. No entanto, acreditamos ser necessário repensar questões relativas à produção dessas mídias, na tentativa de manter a criatividade e conquistar a participação popular, mesmo em tempos de crise do coletivo.

Referências

CABRAL, Adilson. **Contrapontos e Perspectivas de uma Internet para Todos**. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling (org.). **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Internet e Sociedade em Rede**. In MORAES, Denis de. **Por uma Outra Comunicação: Mídia, Mundialização Cultural e Poder**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

GRINBERG, Máximo Simpson. **Comunicação Alternativa: dimensões, limites e possibilidades**. In: GRINBERG, Máximo Simpson (org.). **Comunicação Alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAES, Dênis de. **Ciberespaço e Mutações Comunicacionais**. 2002. Disponível em: <http://www.almanaquedacomunicacao.com.br/artigos/1596.html> Acesso em: 28/05/2009.

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum: comunidade, mídia e globalismo**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

_____. **Estratégias da Comunicação e Comunidade Gerativa**. In: PERUZZO, Cicília Maria Krohling (org.). **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

PERUZZO, Cicília Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares a Participação na Construção da Cidadania**. Petrópolis RJ: Vozes, 1998.

_____. **Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania**. 2004. Disponível em:

http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Direito_%C3%80_Comunica%C3%A7%C3%A3o_Comunit%C3%A1ria,_Participa%C3%A7%C3%A3o_Popular_e_Cidadania. Acesso em: 12/06/2008

_____. **Revisitando os Conceitos de Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária**. 2006. Disponível em: <http://galaxy.intercom.org.br:8180/dspace/bitstream/1904/19806/1/Cicilia+Peruzzo+.pdf> Acesso em: 12/10/2009.

SFEZ, Lucien. **Crítica da Comunicação**. Edições Loyola: São Paulo, 2000.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois? Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **É Preciso Salvar a Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.